

À SUPERFÍCIE

2023

MATÉRIA, AMBIENTE, MEMÓRIA

A exposição *À Superfície, 2023*, surge da reunião de um conjunto de trabalhos realizados em ambiente académico, centrados numa temática comum: a aldeia mineira do Lousal. A experiência imersiva num lugar desconhecido, constitui-se como um fator de produtividade, de especulação e criação. Os alunos desenvolveram, a partir da experiência do lugar, das suas inquietações e das suas poéticas, um conjunto de trabalhos que, no seu conjunto são uma interpretação viva, e entusiasmante sobre uma realidade que desconheciam.

A aldeia mineira do Lousal, no concelho de Grândola, tem o seu passado ligado a extração da pirite para a indústria química durante o século XX. Com o fecho da mina no final do século passado, o Lousal foi-se transformando num lugar onde a memória do passado e uma descrença no futuro são a imagem urbana do presente. A aldeia que foi construída ao longo do século XX, como uma estrutura industrial à imagem dos planos urbanísticos e das políticas assistencialistas implementados no Estado Novo, e que foi sendo habitada ao longo de décadas por famílias migrantes, que em sucessivas gerações se fixaram e trabalharam na mina e na aldeia.

As obras aqui apresentadas foram desenvolvidas a partir de um processo de questionamento, de reconfiguração do modelo tradicional da representação na escultura pública. A escultura como projecto urbano, vai no sentido da crescente autonomização do autor em relação ao fazer oficial da escultura. O processo investigativo confronta-se entre os modelos de produção de conhecimento trazidos da prática laboratorial da escultura e das suas matérias de eleição: a pedra, o ferro, a cerâmica, a madeiras, etc., e a necessidade do trabalho se adaptar aos novos modos de se relacionar a produção artística com as profundas transformações no modo de apresentar, ler, usufruir e trabalhar no espaço público. Curiosamente

em 1936, já Isamu Noguchi¹ escrevera em manifesto na Revista *Art Front*, uma publicação surgida em 34, como espaço de debate e combate dos artistas agregados no Sindicato dos Artistas em Nova Iorque, depois da destruição do mural de Diego Rivera, *Man at the Crossroads* por ordem Rockefeller nesse mesmo ano. “Façamos esculturas que tratem dos problemas de hoje. Recorramos aos conteúdos formais tão abundantes na ciência, micro e microcósmicos; a vida desde um estado ideal até às aspirações, problemas, sofrimentos e trabalho das pessoas.”

O trabalho dos alunos partiu do reconhecimento da história e da condição socio-territorial do Lousal, reflectem a natureza geológica e ambiental, o trabalho na mina e as relações sociais no território. Numa leitura geral das obras, observa-se como a exploração do forte carácter poético dos minerais e da forma como as escombrelas da mina materializam a memória visual do passado congelado na paisagem e se transfiguram numa “denúncia” da situação de imobilidade sentida na aldeia e nos habitantes deixada pelo encerramento da mina.

Estas obras devem ser lidas como um processo investigativo de artista, pois encontramos nos trabalhos, mais do que uma preocupação sobre o domínio exímio da expressividade dos materiais que dão forma às obras, um olhar sobre os modos como a arte pode ser uma ferramenta de análise, leitura e representação de uma realidade e de uma experiência física e emocional com o território. Os trabalhos dos alunos foram apresentados publicamente em dois momentos ao longo de 2023: na Sala Multiusos da Galeria Municipal Vieira da Silva em Loures, entre os dias 25 de Março e 6 de Maio e na sala de exposições da Biblioteca e Arquivo do Município de Grândola, entre 8 e 28 de Julho.

1 Noguchi, Isamu. “What’s the Matter with Sculpture?” *Art Front* 16 (September–October 1936): 13-14.

CONTEXTUALIZE, THINK, CREATE

The *À Superfície 2023* project arises from the urgent need to analyze certain historical changes in order to assume greater social responsibility and support human consciousness through different cultural and artistic perspectives. Our vision of the current art involves different values towards a diverse look for the elaboration of a new knowledge towards where the pedagogical objectives of the set of actions to be developed are oriented. In this way, the current articulation of environmental nature and social inclusion through interdisciplinary dialogues that is associated with space as a key element to guarantee different requirements in the evaluation and training for artistic creation, naturally incorporates the state of vulnerability environment and the search for human well-being towards the argument about the ecosocial emergency.

The development of visual studies on the joint work of the territory in the mining town of Lousal places us in the conflict about the ecosocial experience through the experimental objects that are precisely the works of art that materialize to question the global concern of the human and Earth sciences on climate change and our responsibility in a future that is projected to be uncertain.

We cannot forget that the roots of ecological and social deterioration are cultural and economic. The combination of both manifests the civilizational aspect that the ecosocial crisis acquires. Capitalist industrialization in just two centuries of existence, of which the Lousal mining complex that remained active between 1934 and 1992 is an environmental memory, has placed humanity at a crossroads by undermining the social and natural foundations on which its idea is based of progress. This is the big contradiction: developing in a narrow economic rationality that, benefiting only a minority, gives rise to a deep social irrationality that threatens to undermine the foundations that sustain life on planet Earth.

The cultural roots of this nonsense lie in the materialistic and technocratic mentality, exclusively oriented by instrumental reason, based on a blind faith in the market and technology and obsessed with dominating nature and the accumulation of wealth and power. The economic roots, fertilized by this modernization paradigm, have profoundly redefined the social relations and the exchange regime that societies establish with the natural environment through a double process of predatory appropriation that affects both the human labor force and the ecosystems.

As already mentioned in the 2022 project book, it is the recognition of this reality in which the *À Superfície* projects have been involving the students of the Degree in Sculpture. Developing their creative processes as reading systems and contextualized intervention, seeking to increase in students a critical attitude and a socially active perspective for their artistic practice, involving them in a concrete and complex social and territorial context. An effort that would remain hidden without the installation of works of art in the public space of Lousal and in its Mining Museum, as well as without the exhibition in the Grândola Municipal Library and Archives. The agreement signed in 2018 between the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon and its research center and the municipality of Grândola, with the support of different formal and non-formal structures existing in the mining town of Lousal have allowed throughout the years to consolidate the involvement of the community in the recognition of the value and role of art in the positive transformation of the environment and the construction of new meanings.

The works present in this edition allow us to see with different eyes the history linked to the exploitation of pyrite that was in Lousal and in other places. That's why the audio extracted from La Compañía Española de Minas de Riotinto, S A 1961 appears in a video creation of 02:22 minutes (Úrsula Martín Asensio). Or we remember Joana Vasconcelos in front of some giant mattresses in the shape of diseased lungs that allude to the risk of miners suffering from lung disease due to their exposure to respirable dust that is suspended in the air (Sara Fernando de Oliveira). We recognize the thought of the Basque and universal sculptor Eduardo Chillida in ceramic modular structures and their games of shadows (Marco Madeira Aboim). The sculptural tradition also

carves the stone according to Henry Moore (Henrique Antunes Pirote). The effect of Russian constructivism, that we remember, sought to build the spaces in which the new socialist utopia could be achieved, additionally they appear (Gabriela dos Santos Costa). To put aside the influence of nature, more forms are shown relentlessly, such as the disturbing pieces of silicone that are fixed in the old mines as current refuges for bats (Alexandra Pinto Folgado). The melted plastic sculptural ensemble that drinks from the procedural sources of the great Cristina Iglesias (Joao Tomás da Cunha Pereira) is surprising. More conceptual exercises are found in geometric measurements (Marta Zagalo Varela Ramos Duarte) or plaster reproductions using contaminated water from the lagoon (Lucas Simoes Amaro) of original stones. Nicolas Bourriaud's relational art is reflected in the cages, designed "men-cages" (Bryan Singgih Putra Rismadi) that inevitably make us wonder if perhaps we are just prisoners of circumstances. Nicolas Bourriaud's relational art is reflected in the cages, designed "men-cages" (Bryan Singgih Putra Rismadi) that inevitably make us wonder if perhaps we are just prisoners of circumstances. There are more playful proposals (Mafalda Miranda Paiva do Sousa Ferreira and Sabrina Duarte Carreira) that consist of rescuing the intrinsic values of humanism from reality, because the first thing we must be clear about is that play is an elementary function of human life. And the antagonistic, the representation of a humanized bacterium that plunges into the deep hole that the mine has made in the earth, as a metaphor for our dissatisfaction with life (Sophie Eichenberger).

All this proposals among others constitute a rich result. They help us to see more and more, expanding our possibilities of contact with our own reality, to better understand what is part of ourselves, because critical thinking in art as in life seeks a balanced relationship with the world that surrounds us. Contemporary art has the power or "superpower" to contextualize historical and cultural aspects and their artistic manifestations in the present time. This allows us to rethink environmental problems, deepen the study on the impact of the ecosocial crisis and recreate a different world for a possible future.

SALA MULTIUSOS DA GALERIA
MUNICIPAL VIEIRA DA SILVA,
LOURES

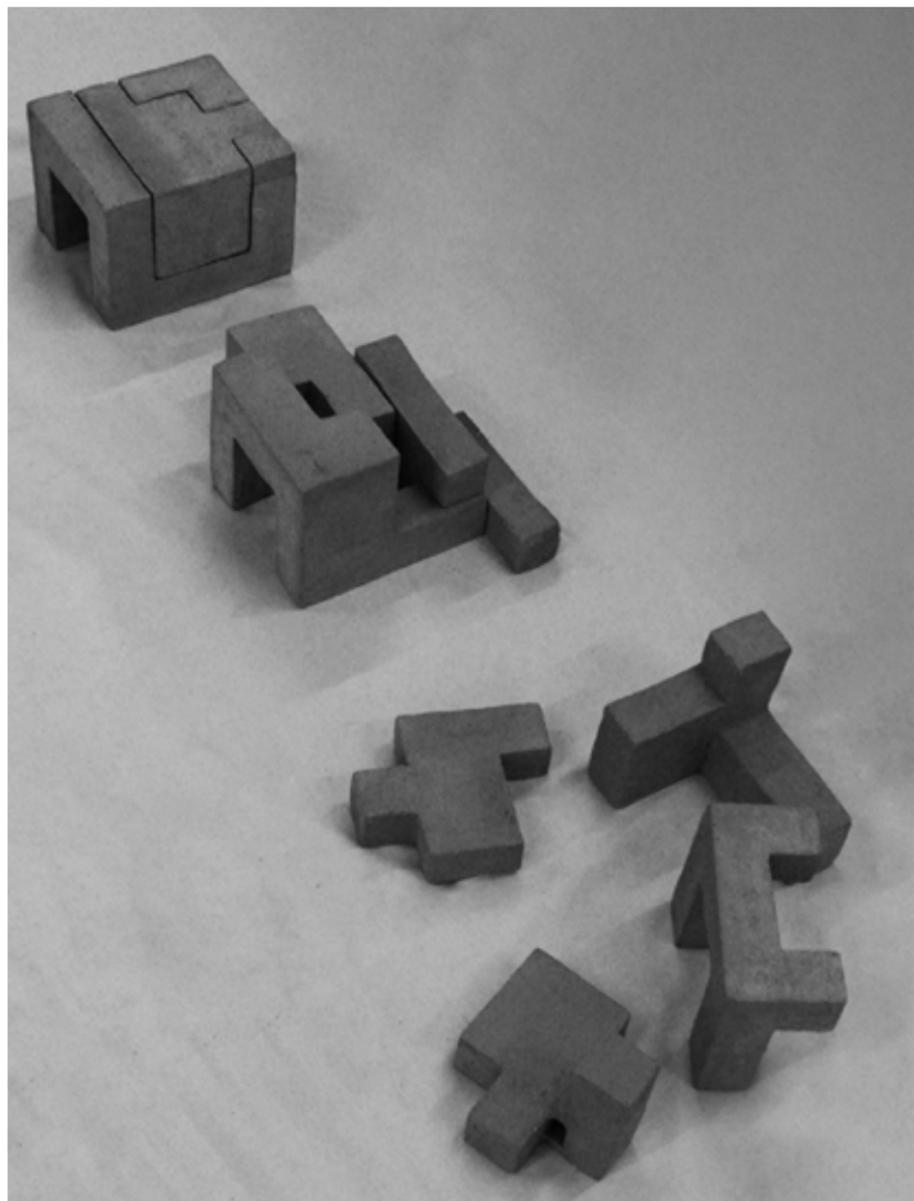
ANDREIA PEREIRINHA	10
BRUNA TAVARES	12
EVA GONÇALVES	16
GABRIELA COSTA	18
GUILHERMO HITOS	20
INÊS JUSTO	22
JOÃO PEREIRA	24
MADALENA BETTENCOURT	26
MAFALDA MIRANDA	28
& SABRINA CARREIRA	
MARIA MADALENA GAMA	30
MARTA ZAGALO	34
SARA BOIA	38

Sem título
Grés alta temperatura
Dimensões Variáveis
2023

A mina fez com que o povo conseguisse sobreviver. As pessoas trabalhavam duro mas ganhavam pouco. Graças à mina, Lousal começou a crescer, a mina acabou por ser tornar uma das fontes de rendimentos que a população tinha para poder sobreviver.

Criei uma espécie de jogo em que a partir de peças menores forma-se uma peça maior, neste caso encaixam-se uma nas outras dando uma ilusão de uma

entrada para a mina. Cada uma das peças apresenta encaixes diferentes. A ideia quer da união, quer da separação das peças relaciona-se com a exploração da mina, as peças encontram-se encaixadas antes de uma exploração, mas após a exploração feita pelos observadores, a mina acaba por se tornar outra mina. Existem três estágios para demonstrar o processo da construção à derrocada.



“Marcas”

Arame de ferro, soldadura

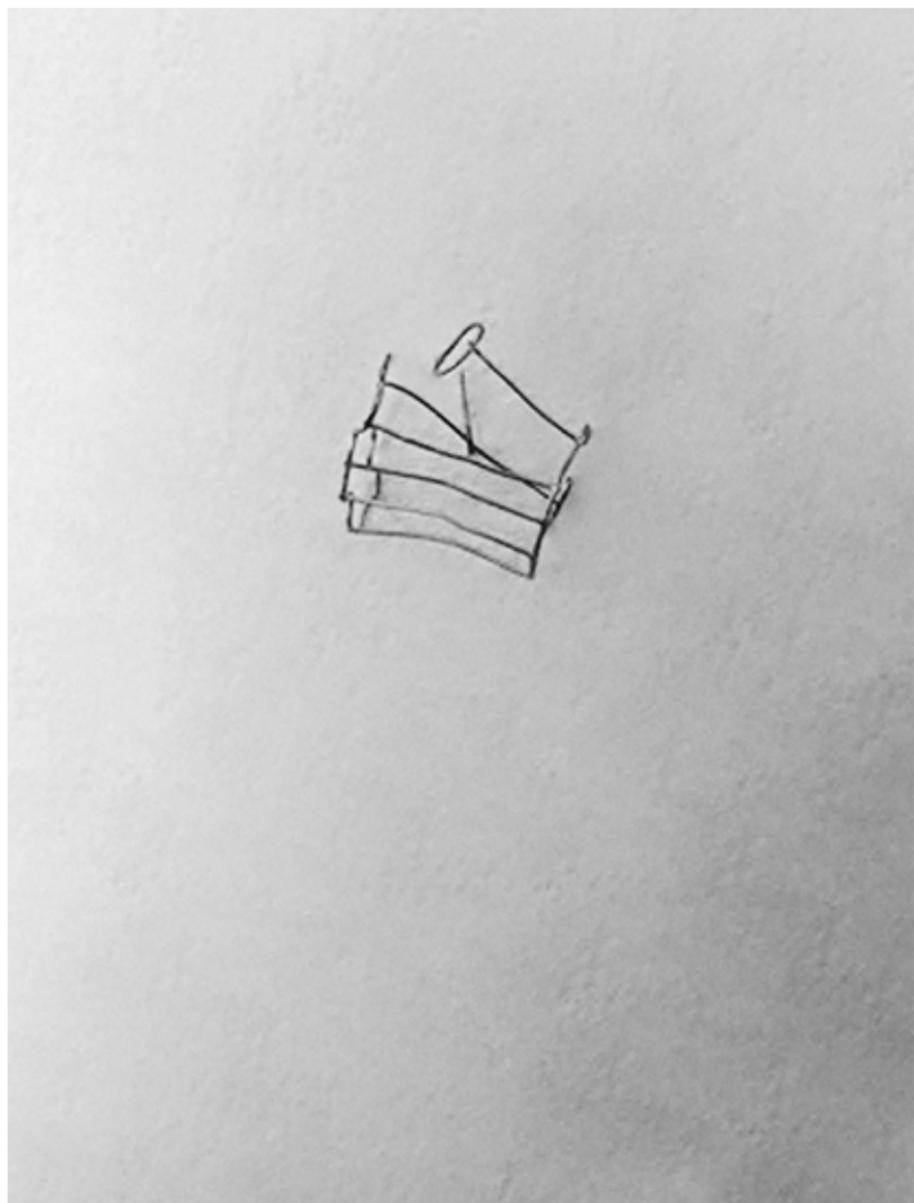
Dimensões variáveis

2023

Homenageio as mãos dos mineiros, o trabalho árduo que foi realizado com as mesmas e as marcas que permaneceram nelas.

O trabalho de mineiro é árduo e deixa marcas como calos

e feridas, quis então representar assim uma peça que fosse interativa, pode colocar-se a mão dentro da escultura e se tentar fechar a mão, sente-se dificuldade e a força do metal na pele cria e deixa marcas.



“Marcas”
Fotografia
Dimensões variáveis
2023



“Segundo Ventre”
Pedra, talhe direto
62x40x20cm
2023

Na visita à Aldeia do Lousal, algo que captou de imediato a minha atenção foram os lavatórios que os mineiros usavam para se limpar. Refleti um pouco sobre este ritual e foquei-me na metáfora visual do mineiro: sai da escuridão da mina, passa para a superfície, onde encontra a luz e lava-

-se, ascendendo a uma nova dignidade, onde deixa para trás toda a sujidade da mina.

Deste modo, deparei-me com esta questão da nova identidade, do desapego, do deixar tudo para trás e conectei-a com a pia batismal.

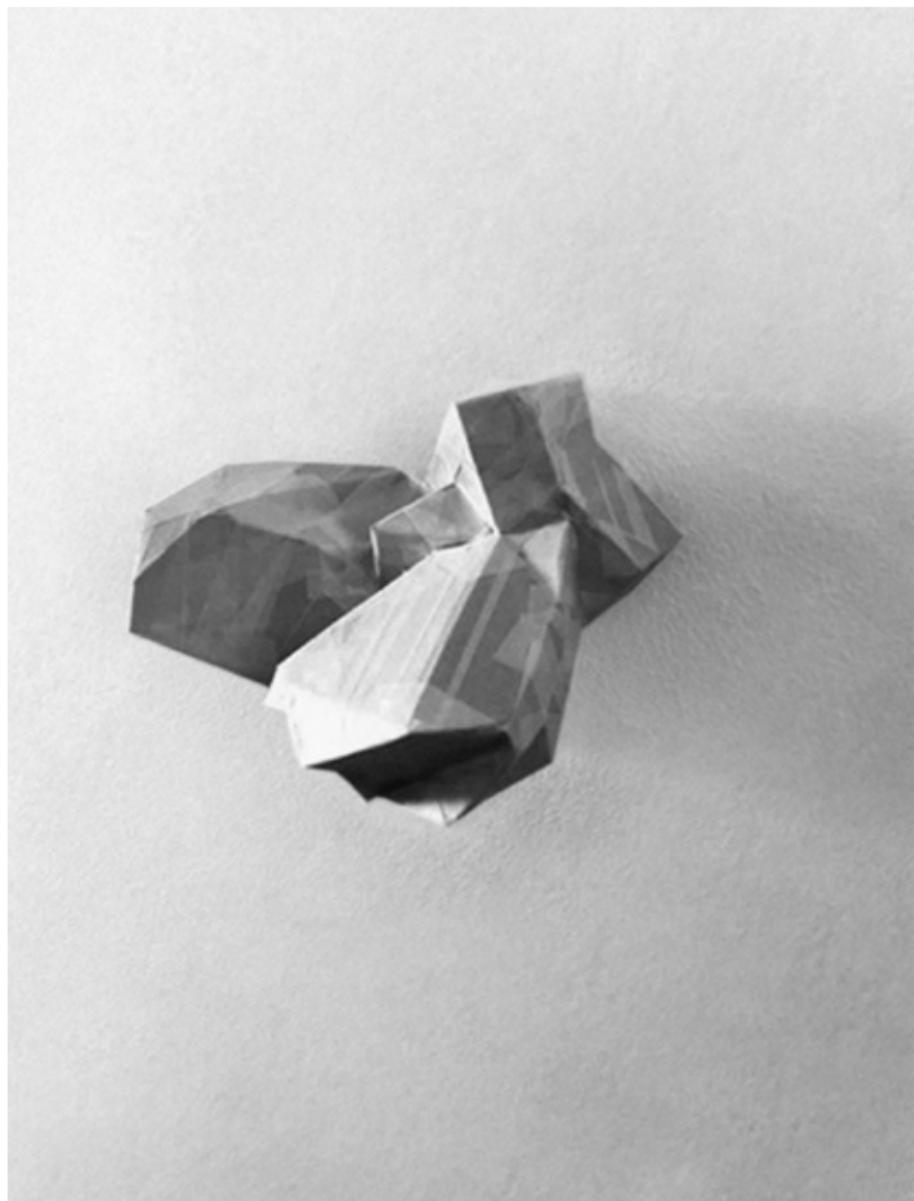


Sem título
Cartão, construção
Dimensões variáveis
2023

Explorei o conceito do contraste entre o solo no seu estado natural e o solo explorado pelo Homem.

Como ideia inicial quis trans-
-parecer nas minhas peças
diferentes planos, uns com
formas concavas e convexas
(solo após a extração
do material) e outros com
formas angulosas (solo no seu
estado natural) de maneira

a mostrar o abandono repentino da mina. Executei peças que tivessem como base um triângulo, o topo simbolizando a aldeia do Lousal e a base (maior dimensão), a mina em si, não visível ao olho nu. Após alguns estudos, acabei por me focar apenas na representação de formas angulosas com inspiração no mineral pirite (mineral extraído nas minas).



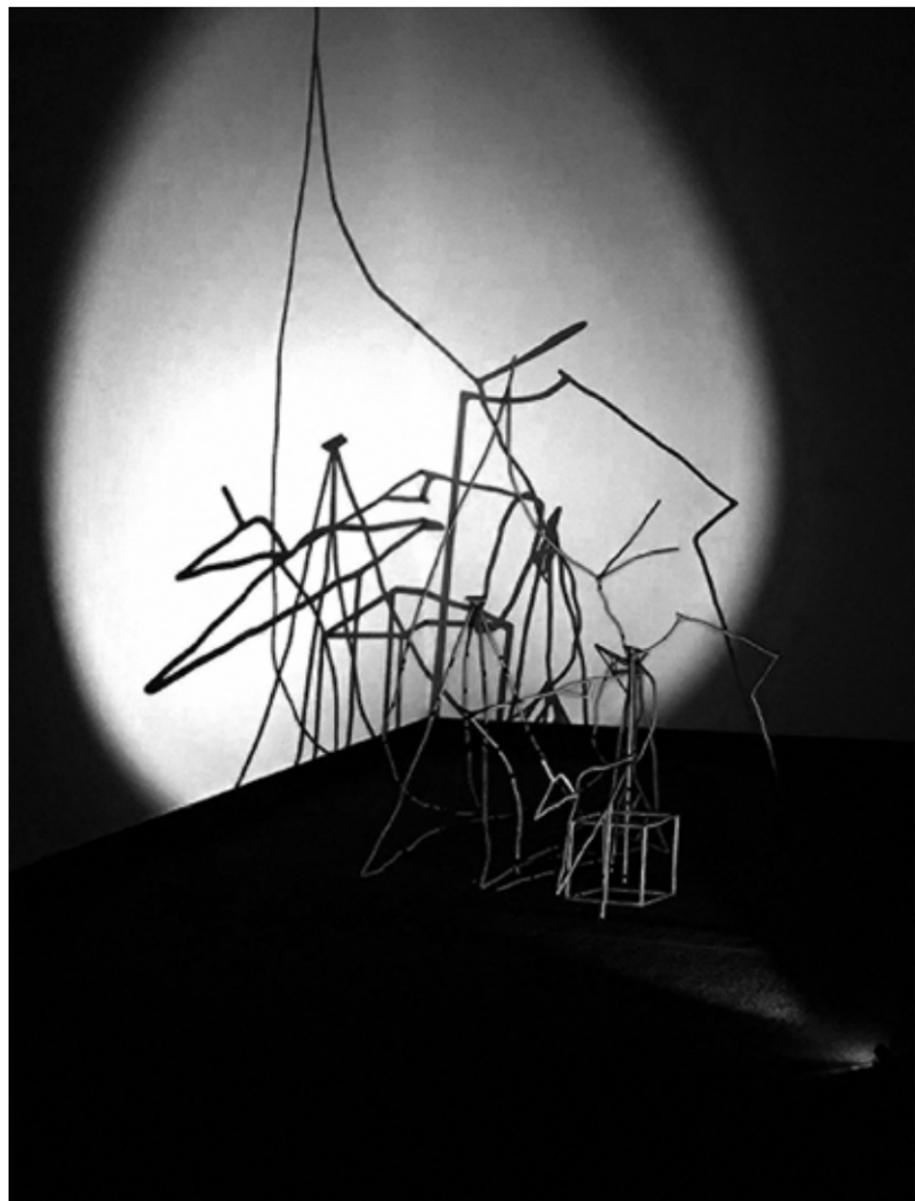
“A casa do triturador”
Ferro pintado
Dimensão variável
2023

Ao sol do meio-dia e das consecutivas horas, a luz que incide sobre a casa do Triturador revoluciona a sua arquitetura constantemente.

Ali, envolto pelas vigas de ferro que sustentam os tijolos e debaixo do sol escaldante, já não conseguia distinguir o que era sombra e o que era estrutura. Retorno fascinado inúmeras vezes para contemplar o fenómeno, ansiando poder capturar-lhe uma fração.

Dos registos fotográficos que realizei dei início ao meu trabalho.

Realizando estudos lineares de mapeamento das convergências entre sombra e estrutura, criei composições em desenho que, mais tarde, seriam mote para o desenvolvimento de uma série de objectos. Estes, por sua vez, quando reunidos e iluminados num espaço comum, têm as suas sombras como complemento da sua presença, estendendo a forma escultórica para além do material, concretizando-se sempre num dos seus variados momentos, reconstruindo no espaço uma fração, ou talvez a totalidade, da casa do Triturador.



“Peças de moinho britador”
Grés alta temperatura
52x41x55cm, 30x23x42cm
2022/23

Em torno da inutilidade atual das máquinas uma vez pertencentes aos moinhos britadores de minério em exposição na mina do Lousal, concelho de Grândola, tentei reinventar e reinterpretar a realidade apresentada.

Estabelecendo uma relação entre a arquitetura industrial

e a natureza, procurei recuperar qualidades estéticas que pudessem evidenciar-se nos objetos do Lousal, obtendo assim uma nova linguagem e uma nova abordagem destes objetos obsoletos perdidos na paisagem.



Sem título
PEBD modelado, construção
80x30x35cm
2023

Vários estudos, estes texturais e cromáticos. Pedacos de rocha aglomerados com oxido de ferro, texturas retiradas através de moldes de gesso.

Formalizei as texturas e os desenhos, para que estes tivessem valor escultórico, resultando na elaboração de representações

de fragmentos de rochas localizadas nas margens das lagoas e na representação formal da delimitação das lagoas e dos seus fundos, em conjunto com a parte cromática. Optei por usar plástico como matéria principal, mais especificamente PEBD (Polietileno de Baixa Densidade) e PP (Polipropileno).



“Som, aqui que tens voz”

Técnica mista

Dimensões variáveis

2023

A ideia de que, o trabalho mineiro, especialmente no início da história da exploração mineira, se desenvolvia maioritariamente na escuridão — e o facto de que, por essa razão, a presença sonora ganhava uma maior presença e relevância no dia a dia destes trabalhadores, captou de modo imediato o meu interesse. Quando o cérebro humano se encontra perante uma situação, onde aquilo que lhe é fornecido visualmente é quase nulo, rapidamente se agarra aos restantes sentidos para interpretar aquilo que o rodeia.

O poder do som num local onde a escuridão predomina, é de uma relevância poderosa. De um modo possivelmente inconsciente, os mineiros agarravam-se bastante aos restantes sentidos para compreender aquilo que os rodeava, principalmente a audição. Este pensamento absorveu-me. Por esta razão, quando me

encontrei em locais complexos, tais como as Minas da Panasqueira e as Minas do Lousal, dei por mim a desafiar-me a interpretar e compreender aquele local através do que os sons nele existentes me forneciam, e não através do que a visão me fornecia. Tal passa por prestar uma atenção minuciosa a cada som que surgia em meu redor, e procurar compreender a sua razão de existência; a sua origem e a origem dos elementos que o compõem; o seu carácter de permanência naquele local; e por aí adiante. Realizando este processo de pensamento relativamente a uma série de diferentes sons, cheguei a diversas conclusões, compreendendo o som como uma entidade com grande plasticidade, que se altera e adapta constantemente às diferentes realidades em que existe.



MAFALDA MIRANDA & SABRINA CARREIRA

28

“Terra e Corpo”

Vídeo, uso de óxido de ferro
e sangue falso

Dimensões variáveis

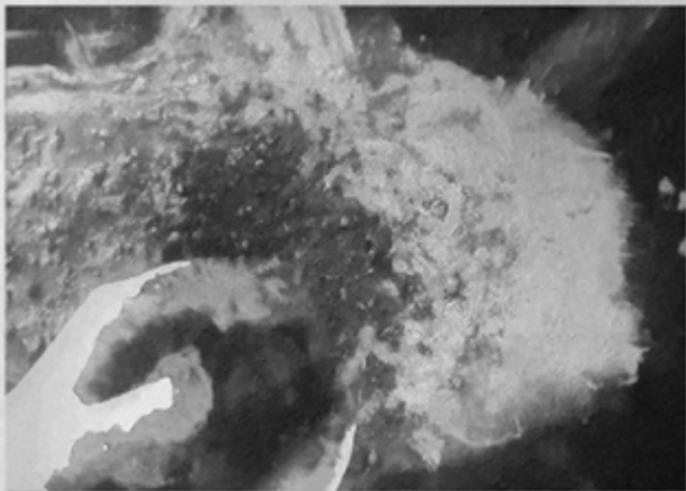
2023



Pretendemos explorar o dualismo entre Terra, ligada à mina e Corpo, ligado aos mineiros e como o tempo reage de forma diferente nestes dois elementos.

À esquerda encontra-se a terra (óxido de ferro) que quando manuseada, fica marcada quase permanentemente, enquanto que à direita, o sangue (que representa o corpo, a memória) que com o passar do tempo desaparece

quase de imediato. Com a mistura dos dois é representado analogicamente o Lousal, entre a memória já desvanecida e as marcas presentes do passado. Intencionámos representar a terra explorada como também o esforço dos cidadãos cujo esforço deu vida ao Lousal, sendo que com o encerramento das minas a dinâmica da aldeia nunca mais foi a mesma.



“Lousal perdido I”
Pedra e ferro,
soldadura e encaixe
35x23x11cm
2023

O meu trabalho consiste na representação de tudo o que Lousal perdeu.

Ao estudar mais sobre o Lousal descobri que as minas lá existentes foram consideradas as mais tecnológicas e modernas de Portugal, porém essa glória só existiu durante cerca de 40 anos, pois estas foram fechadas em 1988.

Ao visitar as “ruínas” das fábricas e minas do Lousal, senti que este lugar tinha tanto para oferecer e que, ainda assim, foi pouco aproveitado e explorado.

Posto isto, decidi representar essa ideia. Optei por recolher uma

pedra do Lousal, pois a beleza destas é única, e para expor o meu objetivo fiz um pequeno corte na pedra, onde encaixei um pequeno cubo feito em metal, que esteticamente remete tanto para a forma da pirite (um dos minerais extraídos das minas), como para os barracões abandonados, devido á sua forma e ao facto de ser oco, remetendo ainda mais para a estética da fábrica.

Optei por fazer o cubo muito pequeno relativo ao tamanho da pedra, exatamente para mostrar o quão pouco Lousal foi aproveitado em comparação a tudo o que tinha a oferecer.



“Lousal perdido II”

Pedra e ferro, soldadura e encaixe

18x13x9cm

2023



“Formações Geológicas Pt.1”
Ferro soldado
95x70x30cm
2023

As pedras existentes nas Minas do Lousal chamam muito à atenção de quem as visita. Estas apresentam qualidades, formas e cores diferentes devido à existência de ferros e enxofre na sua estrutura. A pirite era o “tesouro” da aldeia do Lousal.

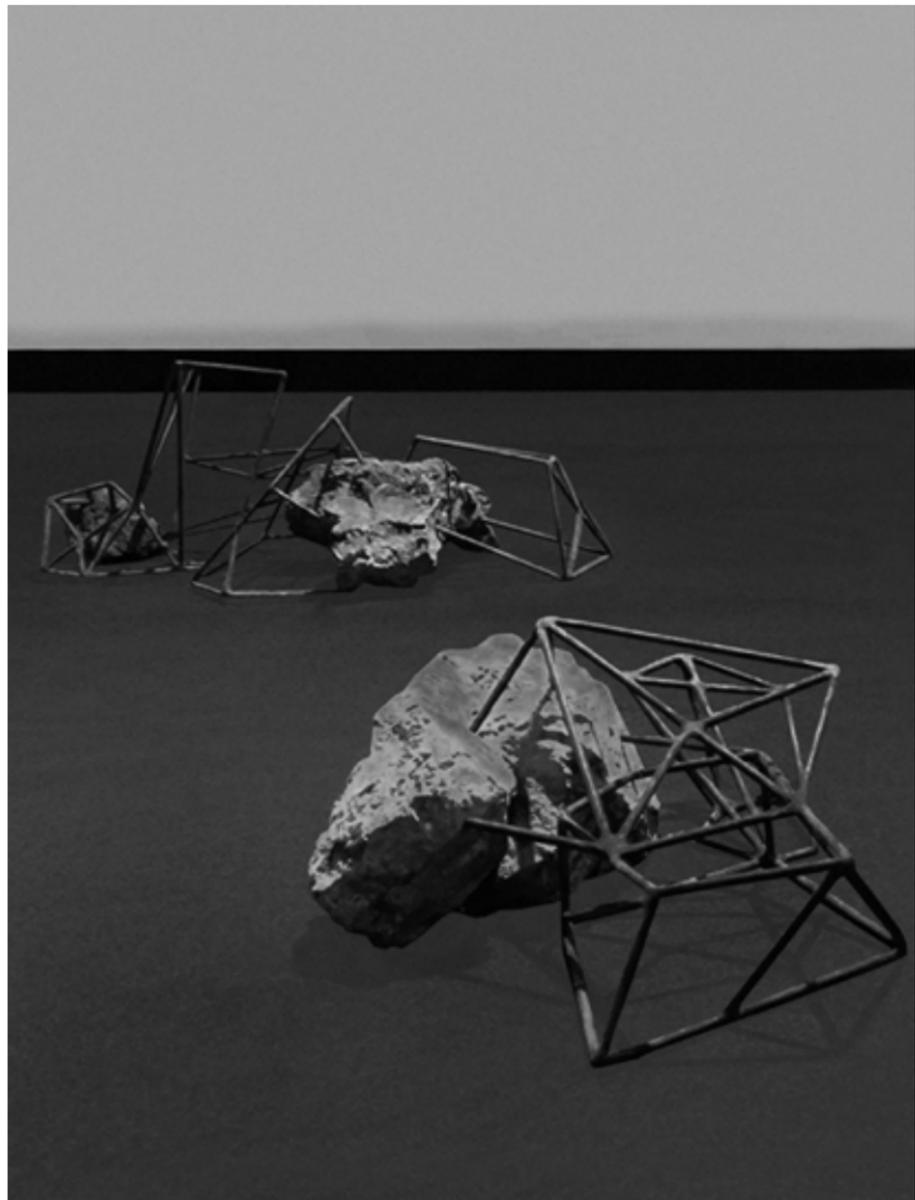
No entanto, as pedras é que sempre foram o tesouro. Eram destas que era extraída a pirite e outros minérios como o ferro e o enxofre. Assim, as pedras existentes na mina devem ser preservadas, protegidas e realçadas.

Perto dos lagos, existem formações geológicas únicas. Este projeto baseia-se na formação geológica existente na área da mina.

Como continuação do projeto foram criados conjuntos e composições a partir de pedras retiradas dos solos das minas. O projeto tem como objetivo representar possibilidades formais que os conjuntos geológicos podiam ter apresentado no passado, antes dos processos naturais de erosão.



“Formações Geológicas Pt.2”
Varões de ferro 6mm,
pedras do Lousal
80x65x25, 65x45x25cm
2023

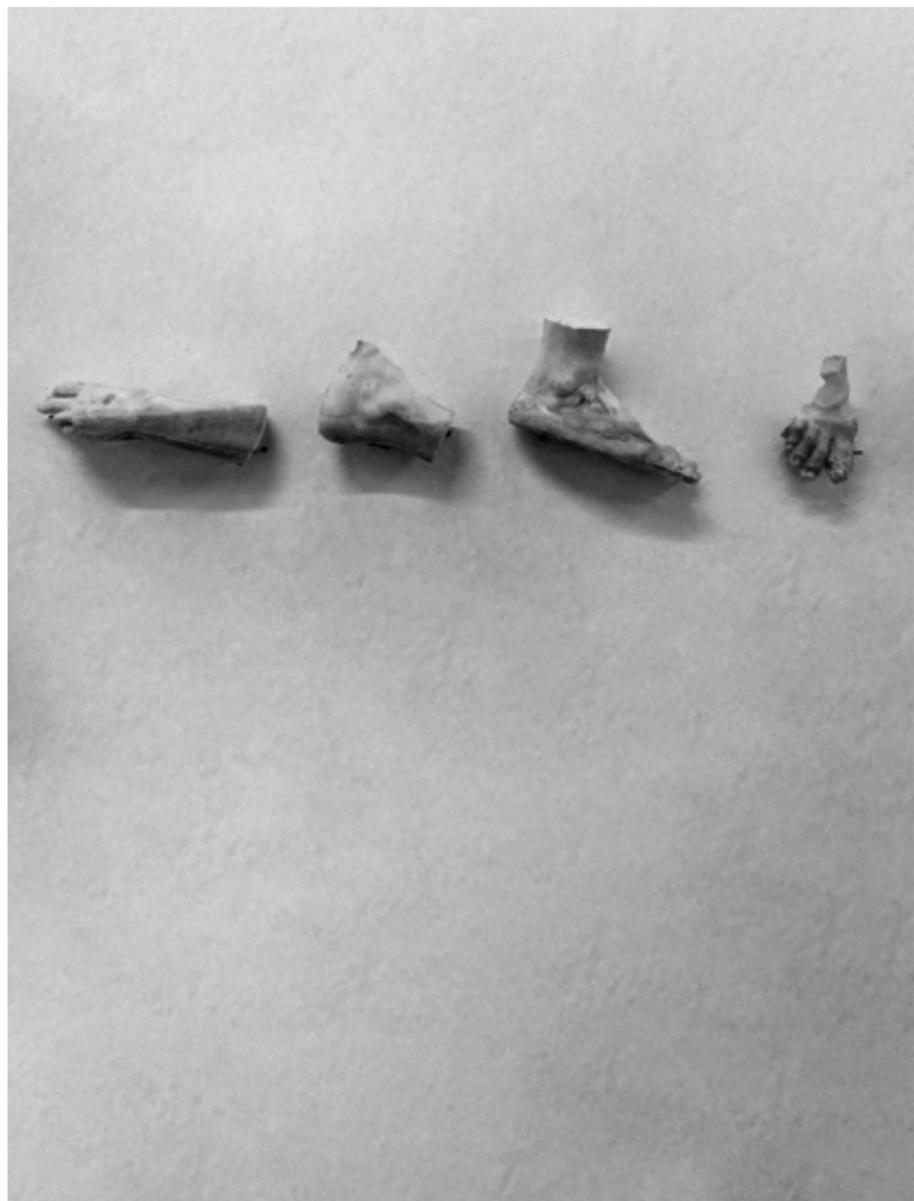


Sem título
Positivos de moldes de gesso
Dimensões Variáveis
2023

Em certos níveis de profundidade da mina, os trabalhadores sofriam não só com o calor, pó, esforço, como também se encontravam com água pela cintura, água cheia de toxinas para o corpo humano.

Neste projeto, o material utilizado para representar o corpo é o gesso, precisamente por ser um material que utilizado de certa forma é tanto frágil como resistente e em contacto com a água absorve quaisquer

componentes que esta contenha. O gesso foi colocado seco dentro de uma caixa com água, pedras retiradas da aldeia mineira do Lousal e óxido de ferro preto. O resultado trouxe novas conclusões, a linha que surge no gesso, a diferença entre gesso normal e a parte do gesso que absorveu os componentes das pedras do Lousal, mostra também o próprio nível de profundidade, o dentro e fora da mina, bem como a degradação que sofre.



BIBLIOTECA E ARQUIVO DO MUNICÍPIO DE GRÂNDOLA

ALEXANDRA FOLGADO	42
ANDREIA PEREIRINHA	44
BEATRIZ ABOIM	46
BEATRIZ PISA	48
CATARINA VEIGA	52
GUILHERMO HITOS	56
INÊS JUSTO	58
MARTA ZAGALO	60
PEDRO SERAFIM	62
SARA BOIA	64
ÚRSULA MARTÍN ASENSIO	66
VERA VILHENA	74

Sem título
Arame, Gesso, Cola quente
Dimensões Variáveis
2023

Esta peça foi fruto de um trabalho que durou dois semestres e representa a ligação entre o passado e o presente da Mina do Lousal.

O presente é representado pelo formato da peça, sendo este um esqueleto de asas de morcego, uma vez que os morcegos

actualmente habitam as antigas galerias da mina.

Já o passado é representado pelo efeito plástico de derretimento, uma vez que as minas chegavam a temperaturas muito altas quando estava com atividade aberta.



“Formações arquitetônicas”

Grés

Dimensões variáveis

2023

Antes da exploração mineira, todos os elementos se encontram íntegros, juntos, como que encaixados, mas após a exploração da mina, tudo se encontra derrocado, fragmentado. A partir desta observação comecei a interessar-me pela ideia de fragmento. Estas peças, que segue essa ideia de fragmento, são peças abstratas. Cada conjunto encaixa-se entre si

de maneira a criar uma escultura complexa. Nos últimos tempos, o meu interesse centra-se na ideia da união e separação das peças. A criação de uma escultura feita de várias partes é o interesse no jogo de aproximação e afastamento das peças. Estas esculturas remetem para pequenas formações arquitetônicas, composições de linhas retas e planos que evocam edifícios.



“Fractus II”

Isolamento IFOAM e argamassa

200x92x20cm

2023

Após visita à Aldeia Mineira do Lousal, da recolha de informações sobre o local escolhi um tema, o fragmento. Reparei que na aldeia, mais propriamente a área de extração, encontrava-se bastante deteriorada.

O Lousal foi um local de exploração massificada e esta acabou de forma abrupta, o que me sugeriu criar estruturas de caráter arquitetónico em

que implementasse a ruptura e a fragmentação na linguagem escultórica. Nas experiências introduzi o ato de partir e de unir abordando a unidade, assim como o fragmento, o uno e o incompleto.

Ao explorar os edifícios abandonados e em ruína encontrei objetos soltos e não identificáveis que me remeteram para esta desconexão.



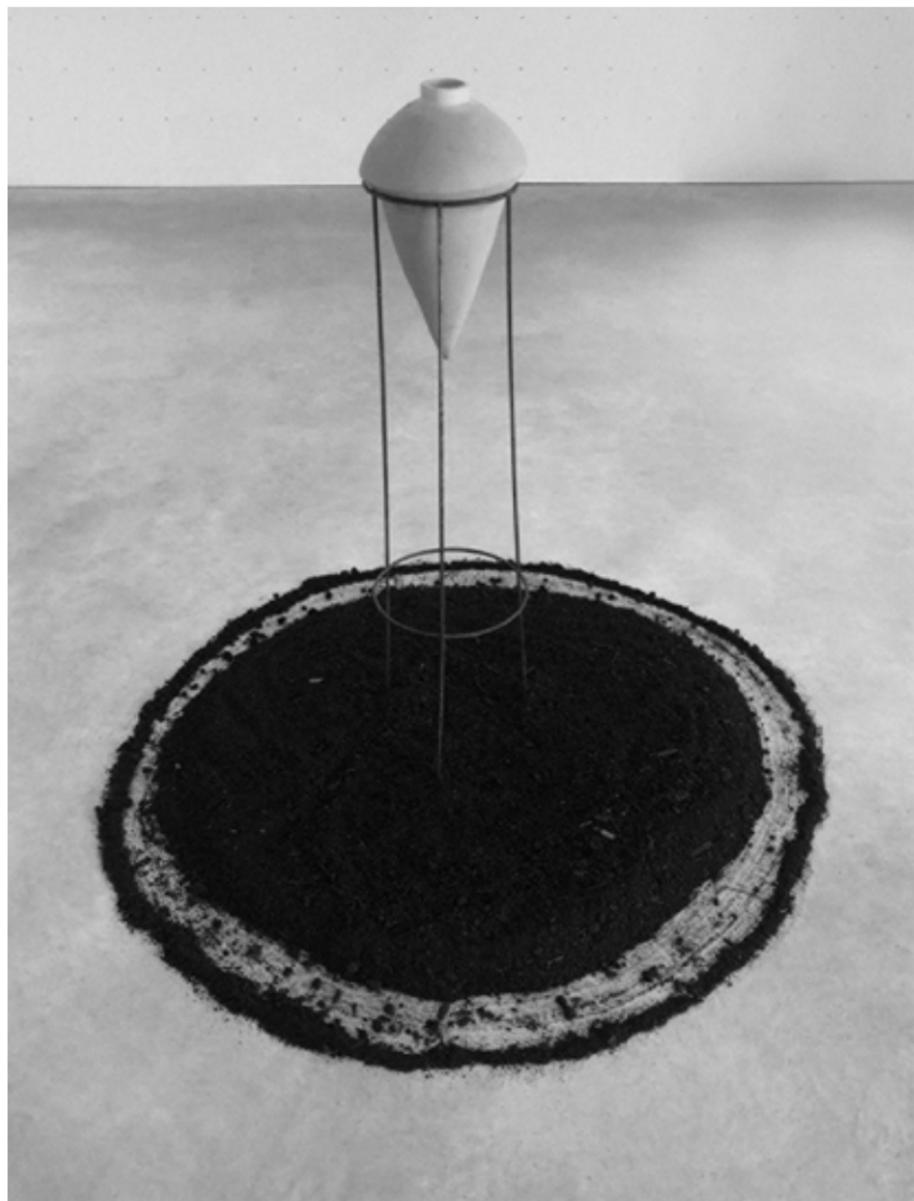
“Irrigação do Solo”
Terra, argila, água, ferro
Dimensões variáveis
2023

Ode à água. Este é um trabalho sobre a irrigação do solo. Qualquer pessoa que preste a mínima atenção à atmosfera percebe que não é normal passar-se um inverno inteiro sem chuva, ou que o verão já não é uma estação que chega com data certa. A seca predomina. Distanciamos-nos dos nossos antepassados, de culturas ancestrais e dos seus preciosos ensinamentos. Armazenar a água da chuva é crucial, assim como irrigar o solo de forma inteligente e controlada. As ollas, são instrumentos de irrigação criados há mais de 4000 anos,

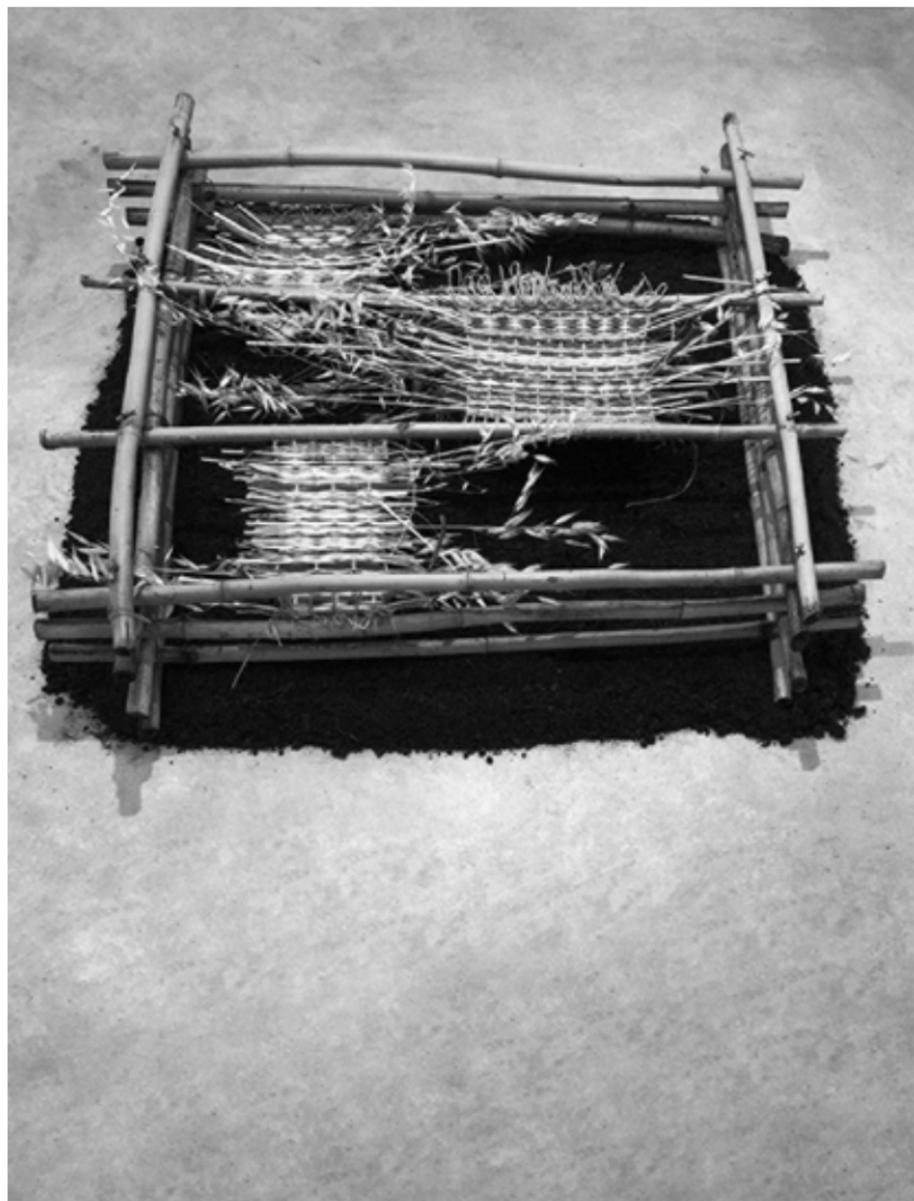
pensa-se que terão sido criadas por povos do norte de África. Uma olla é um instrumento feito de terra chacoçada, que se coloca debaixo do solo.

A água colocada no seu interior começa, lentamente, a infiltrar e atravessar as paredes de barro; as plantas em seu redor tirarão partido da humidade constante.

Num mundo cheio de novidades, esquecemo-nos, por vezes, dos ensinamentos ancestrais. Da Terra para a Terra.



“Irrigação do Solo”
Terra, argila, água, ferro
Dimensões variáveis
2023



“Fragmentos”
Grés e Terra
Dimensões variáveis
2023

“Fragmentos” procura representar a paisagem do que foi deixada para trás. Ao mesmo tempo que faz uma distinção entre a superfície do Complexo Mineiro do Lousal e o interior das minas abandonadas.

Atualmente, apesar dos tuneis mineiros se encontrarem fechados, outrora serviram como alicerces para uma sociedade em desenvolvimento, que em tempos prosperou naquele local.

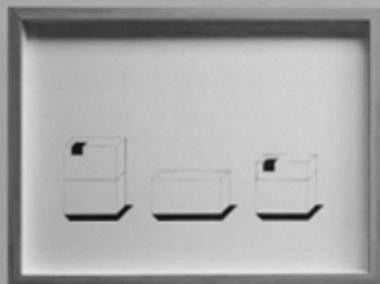
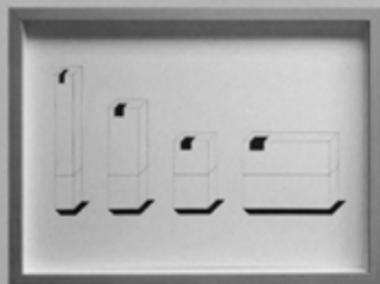
Foram uma fonte de esperança para muita gente e hoje são um eco do que existiu.

Na superfície é possível ver os esqueletos de antigos edifícios e por baixo dos mesmos, escondidos, uma série de antigos corredores que se encontram à mercê dos elementos.

Esta instalação apresenta uma diversidade de formas, onde em todas existe uma distinção marcada entre duas partes. Tenta trazer à superfície o que outrora seria impossível de observar.



“Fragmentos”
Grés e Terra
Dimensões variáveis
2023



“The Landscape Projector”
Ferro, aglomerado de madeira, fita adesiva, tinta acrílica, espuma
125x10x15cm
2023

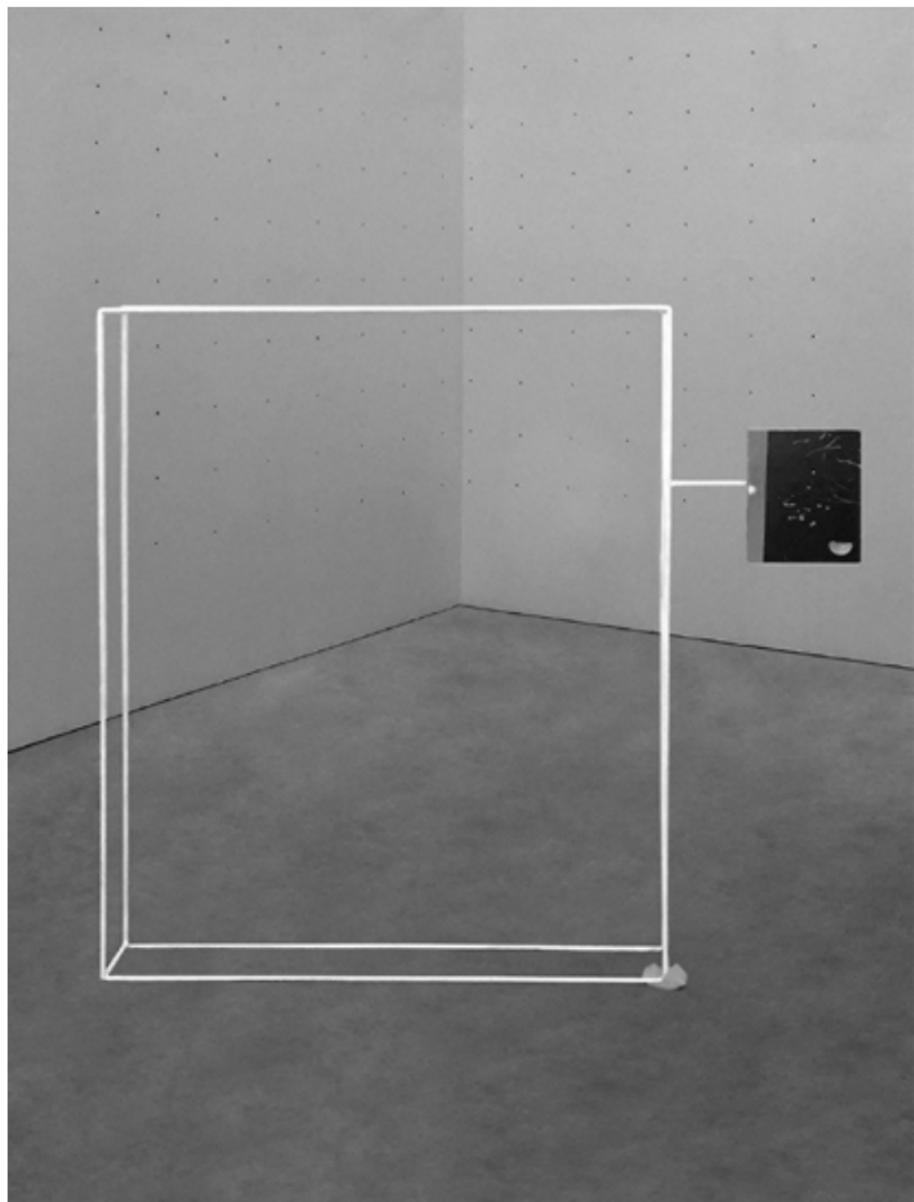
O trabalho tem como mote uma placa de madeira encontrada num canto da oficina.

As suas marcas de perfurações e rasgos circulares revelaram a composição de uma paisagem caótica que liga a linguagem escultórica do objeto a um forte teor bidimensional.

Dando continuidade a uma investigação sobre o corpo escultórico que ecoa no espaço, a placa foi integrada numa estrutura de ferro que a suspende. Esta, por sua vez, manifesta-se numa

condição linear e executa um trabalho de ampliação: a estrutura é uma projeção das dimensões da placa de madeira no espaço, delimitando o espaço real que a placa ocuparia se o seu corpo fosse aumentado.

Tal estrutura não estabelece necessariamente corpo, mas anuncia a sua ausência na criação de uma escultura que promove uma releitura de um vazio espacial destacado pela estrutura amarela que a circunda.



“Reinterpretação”

Grês alta temperatura, vidro branco,
aço galvanizado
51x45x43cm
2023

Nas minas do Lousal, concelho de Grândola, para além das cores vibrantes e do cheiro intenso a enxofre, do silêncio e da falta de vida, igualmente mórbidos comparativamente à azáfama e da violência que seria trabalhar na mina, deparei-me com objetos obsoletos perdidos na paisagem, correspondentes a antigas máquinas industriais situadas dentro do edifício da trituração. Numa tentativa de reinterpretação de uma dessas máquinas industriais, anteriormente pertencente aos moinhos de britagem das minas do Lousal (diziam respeito às etapas de britagem

e esmagamento do minério) procurei explorar linhas curvas e formas livres, sempre mantendo a vertente originalmente industrial.

Apresento então para este projeto, uma peça de grês com chamote (alta temperatura), vidrada em branco por fora e, por dentro, é mantida a cor original do grês cozido. Pelos dois orifícios existentes na parte superior da peça encaixa um cilindro em aço galvanizado, funcionando como elemento de contraste como o material desgastado e ferrugento presente na mina.



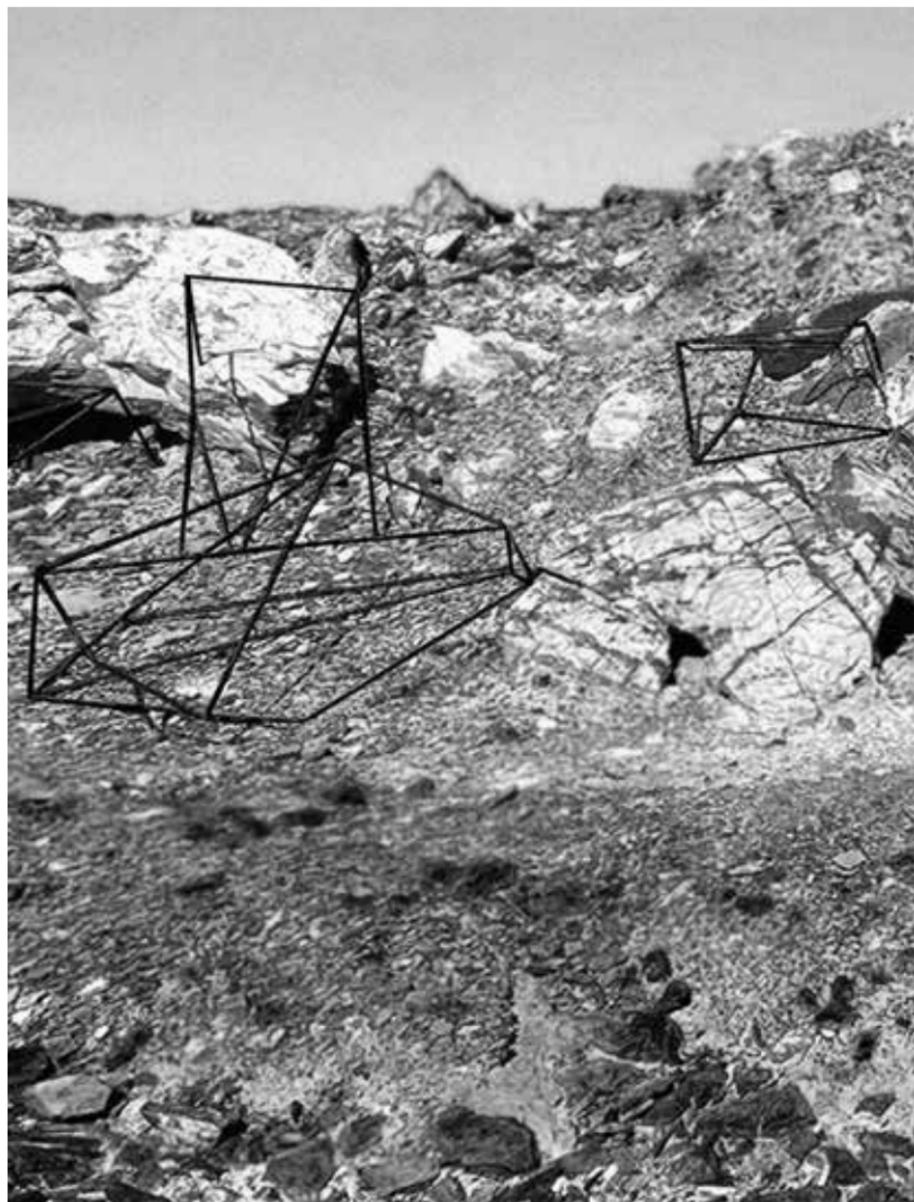
“Formações Geológicas”
Varões de aço enferrujado, soldadura
750x200x250cm
2023

Numa primeira vista, o que me chama mais à atenção na aldeia e mina são as pedras e as estruturas que ainda lá existem.

Com a exploração mineira e o passar do tempo, estas foram-se degradando, contudo, algumas das estruturas ainda se encontram em pé e intactas. Quis, assim, relacionar estes dois componentes muito importantes neste local.

A obra é constituída por sete esculturas em metal que se inserem, através do encaixe, no espaço escolhido. Estas apresentam-se intactas, mas com sinais de degradação como a ferrugem.

Foi projetado para ser exposto no conjunto geológico pré-existente ao lado da lagoa azul, um espaço com aproximadamente 750x200x250cm.



“Memorial”
Ferro
2023

“Memorial”

O Peso, sensação que envolve a região do Lousal, uma ruína de edifícios, máquinas e ferramentas mineiras, sensibiliza-nos para o peso que carregavam com eles e o peso que é ser mineiro.

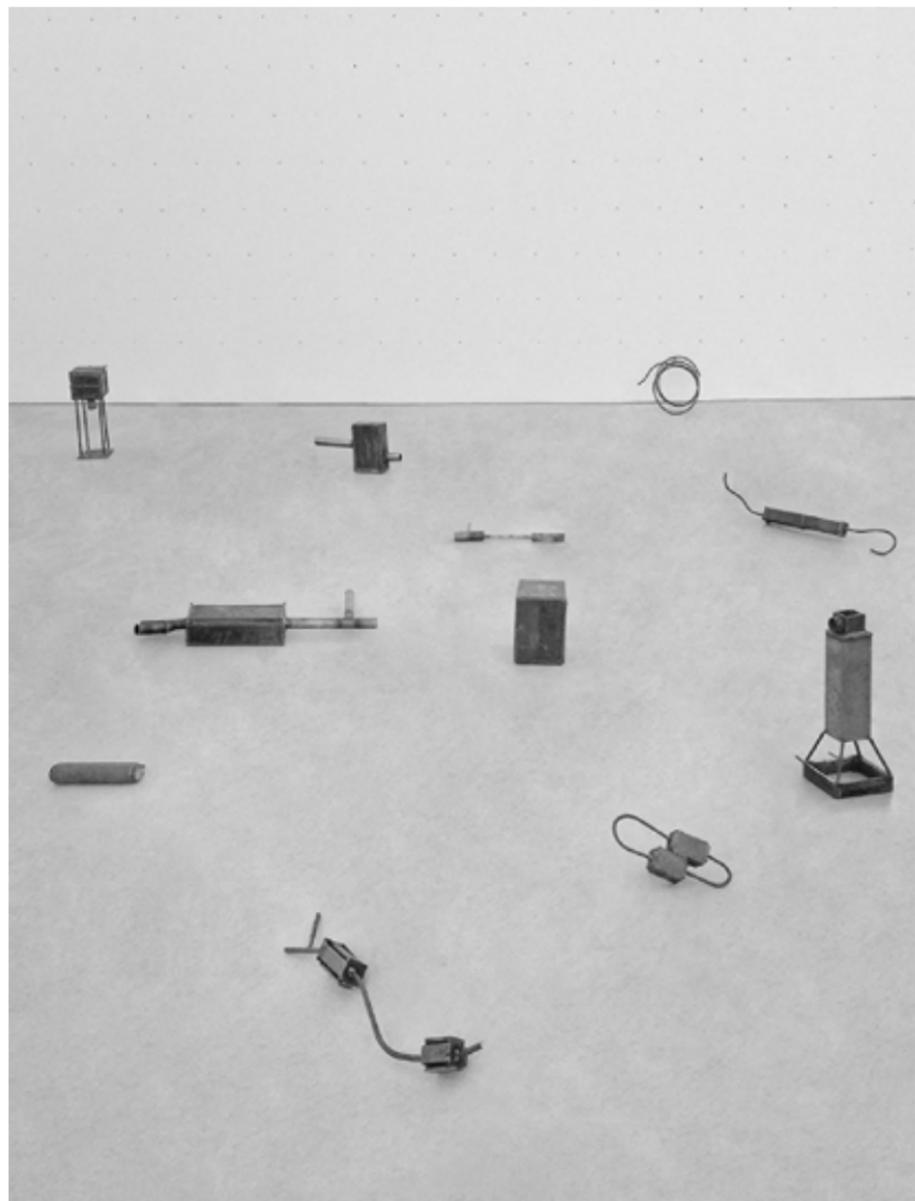
De dimensão, carácter material robusto e volume corpóreo, os pesados objetos utilitários mineiros, são descontextualizados do seu local e funcionalidade, permitindo-nos compreender o seu carácter plástico, formal, empírico, histórico e cultural, na sua própria associação enquanto objeto.

Nesse sentido, a carga física e emocional que lhes são inerentes, transportam o objeto para um outro contexto, o do mundo sensível.

Aqui, o objeto mineiro surge como extensão do corpo do ser humano e evidencia a dependência mútua que existe entre ambos.

Permitiu-se á matéria oxidar, de modo a refletir o tempo que pelo objeto passou.

São uma memória física e a ação do ser humano perpetuada no tempo e no espaço.



“Sutura”

Mármore, fio de algodão; Xisto,
óxido de ferro preto
Dimensões variáveis
2023

Este projeto incide na história da aldeia mineira do Lousal. O foco está nas pessoas que deram a sua vida à mina, e que sempre farão parte deste local mesmo não estando presentes.

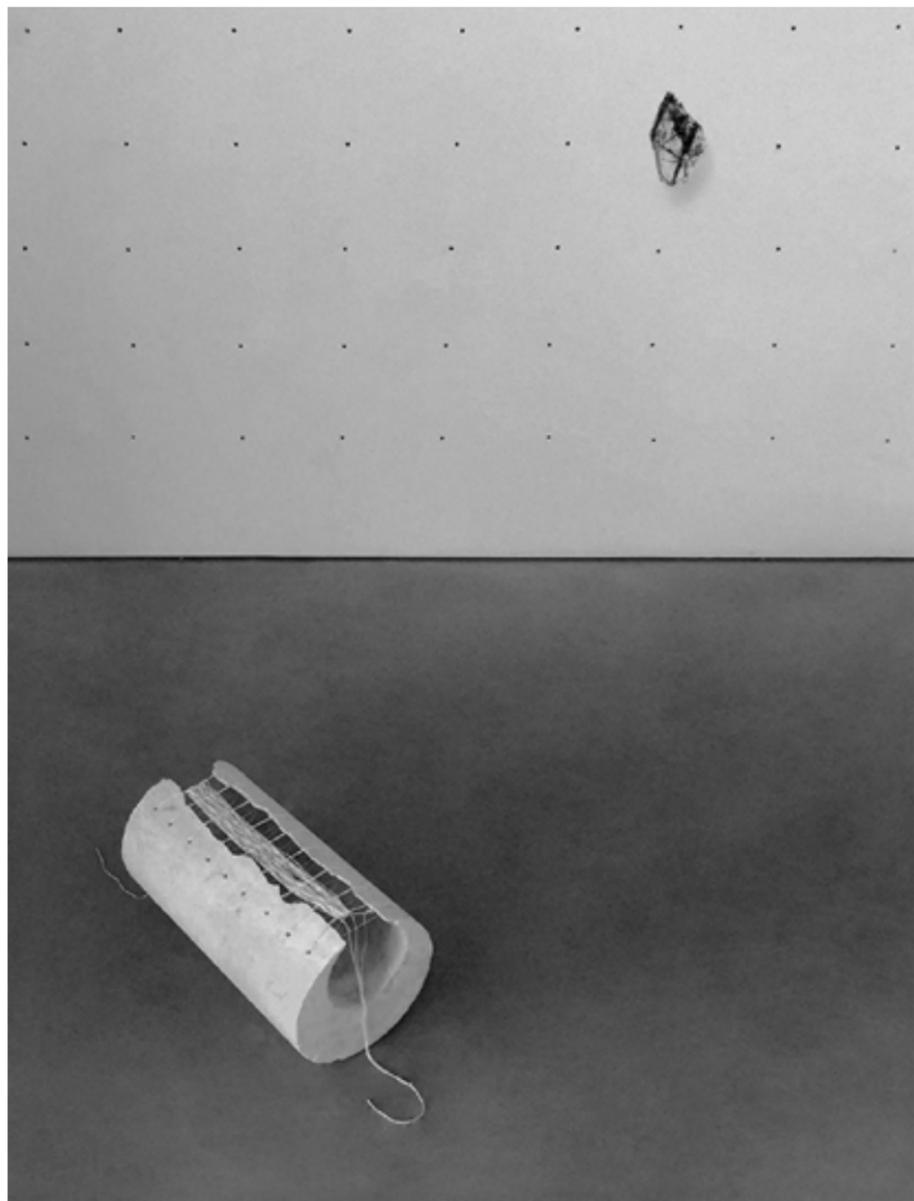
Materialmente surge a vontade de interligar a escultura à tapeçaria, proporcionando uma certa tridimensionalidade à mesma, ao utilizar na escultura, técnicas e materiais comuns na tapeçaria. Um tear pressupõe a existência de uma estrutura, uma teia e uma malha. Traz consigo tanto uma leitura de conforto, bem como uma linguagem de algo que está entrelaçado, algo estrutural que mantém seguro e preso outro algo.

Na peça Sutura, a pedra é utilizada enquanto representação do Lousal. Existe uma tentativa

de reconforto dos corpos que ficaram na mina através da criação de um tear com a pedra e o fio de algodão.

Ao criar uma teia na pedra, é representada a ideia de que os corpos se mantêm presos à mina, que parte deles pertencerá sempre ao Lousal, uma costura dos corpos à mina.

Em cima, o pedaço de xisto, retirado diretamente do local, foi mergulhado em água com óxido de ferro preto. O local da mina contém enormes quantidades de óxido de ferro nocivos para o corpo dos mineiros. A pedra absorveu o óxido, criando linhas ao longo da mesma, representa quase que uma tapeçaria formada só por si, remetendo para a ideia do projeto.



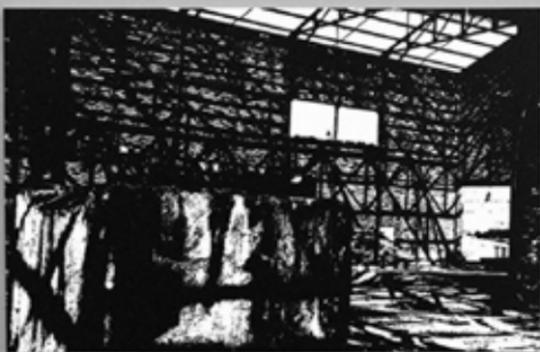
“Metallurgical Department”
Moving image of own recording,
audio extracted from La
Compañía Española de Minas
de Riotinto, S A 1961.
Loop projection 02:22 minutes.
2023

What can be extracted, for an anthropology of capitalism, from the environmental memory of the Lousal mining complex? How does our contemporaneity question this environment? The ruin of the buildings, the wounds of the territory and its depopulation are revealing documents of the deep meaning of the capitalist organization of work. Through fiction we can allow ourselves to deploy a critical question about some fundamental features of capitalist rationality and

its intrinsic violence. If we think like some kind of ethnographer of capitalism we can critically examine the relationship between capitalism and marginality, between the modern experience of time and the meaning of capital's technology. Stopping at these nuclei of problematization, it is possible to analyze a mode of production that, focused on private accumulation, engenders a collective malaise of multiple dimensions.



“Crushing, flotation
and concentration”
Triptych, 2.50 meters on the wall.
Braille signage printing system
81x54cm
2023



“Crushing, flotation
and concentration”

Oil on canvas

81x54cm

2023



“Crushing, flotation
and concentration”
Photographic print on anodized
aluminum
81x54cm
2023



“Testemunhos”

Metais ferrosos, construção
166x23x22cm, 170x26x21cm
2023

O projeto aqui apresentado baseia-se num estudo sobre o conceito do tempo, desde a sua passagem ao seu efeito, analisado através da separação dos seus dois extremos: o efémero e eterno, o que vai e o que fica.

O que encaminhou este projeto para a ideia da natureza efémera da vida, ao explorar o ciclo da vida e o que permanece depois dela, tocando também nos conceitos derivados do latim: *memento mori* e *tempora mutantur*.

Ao procurar o que testemunha o efeito do tempo no ser humano, concluí que temos em nós próprios algo que permanecerá até depois de já cá não estarmos: os ossos.

O nosso esqueleto é a prova física do que em tempos fomos, ou de que pelo menos, fomos. Fazendo refletir assim a efemeridade da vida e a presença do tempo.

Os ossos tornaram-se então a representação dos conceitos mencionados, executados em metal, de forma a que o próprio tempo agisse sobre as peças ao criar ferrugem. Apresentados também numa escala maior, de forma a evidenciar esse aspeto.

Concluindo assim, os ossos como testemunhos do tempo. “*Tempora mutantur et nos mutamur in illis*” — O tempo muda e nós mudamos com ele — Heraclito.



ALEXANDRA FOLGADO
alexandrafolgado19@hotmail.com

ANDREIA PEREIRINHA
andreiaempereirinha@gmail.com

BEATRIZ ABOIM
beatrizaboim2002@gmail.com

BEATRIZ PISA
beatrizalmeidapisa@gmail.com
@baetrizpisa

CATARINA VEIGA
catarina.jesus.veiga@gmail.com
@catrina.veiga

GUILHERMO HITOS
guilhermohitos@hotmail.com

INÉS JUSTO
inesdmmjusto@gmail.com
@inesdmmj
@ijart

MARTA ZAGALO
martaz.zarts@gmail.com
@_mzarts

PEDRO SERAFIM
pedro-sousa-7@hotmail.com
@pedrosousaserafim_art

SARA BOIA
saraqfboia@gmail.com
@umaoutra.arte

ÚRSULA MARTÍN ASENSIO
ursulamartin@usal.es
cartografiaestetica.usal.es

VERA VILHENA
vera.lt.vilhena@gmail.com
@veravilhena

À SUPERFÍCIE
Aldeia Mineira do Lousal

COORDENAÇÃO
Sérgio Vicente

EXPOSIÇÃO

23.03–06.05.2023
Sala Multiusos da Galeria Municipal
Vieira da Silva, Loures

08–28.07.2023
Biblioteca e Arquivo
do Município de Grândola

CURADORIA
Luzia Alves
Pedro Serafim

PUBLICAÇÃO

EDIÇÃO
Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes
Universidade de Lisboa
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
+351 213 252 116
investigacao@belasartes.ulisboa.pt
cieba.belasartes.ulisboa.pt

DESIGN
Tomás Gouveia
Constança Mercês de Mello

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
ACD Print

DEPÓSITO LEGAL
521273/23

TIRAGEM
100 exemplares

Lisboa, agosto 2023

Este livro é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04042/2020.

$\frac{b}{a}$

cieba

belas-artes
ulisboa

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Centro
Ciência Viva
do Lousal
Minao-Ciência



ALEXANDRA FOLGADO
ANDREIA PEREIRINHA
BEATRIZ ABOIM
BEATRIZ PISA
BRUNA TAVARES
CATARINA VEIGA
EVA GONÇALVES
GABRIELA COSTA
GUILHERMO HITOS
INÊS JUSTO
JOÃO PEREIRA
MADALENA BETTENCOURT
MAFALDA MIRANDA
MARIA MADALENA GAMA
MARTA ZAGALO
PEDRO SERAFIM
SABRINA CARREIRA
SARA BOIA
ÚRSULA MARTÍN ASENSIO
VERA VILHENA

Aldeia Mineira do Lousal